

coluna do
broadcastagro

Bancoob ofertará 16% mais crédito rural com Selic menor

A queda da taxa básica de juros (Selic) ao longo de 2017 permitiu ao Bancoob, banco do Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil, oferecer 7,3% mais crédito agrícola, ou o total de R\$ 12,3 bilhões. Para 2018, a projeção é de um salto ainda maior, de 16%, antecipa a coluna Marco Aurélio Almada, diretor-presidente do Bancoob. Com uma taxa menor de juros e, conseqüentemente, a menor atratividade de várias aplicações, investidores têm optado por deixar o dinheiro na conta corrente ou na poupança – engordando os recursos do crédito rural, alimentado por essas fontes. Este foi um dos motivos que garantiram o crescimento dos empréstimos. Além disso, a Selic menor também reduziu as taxas pagas pelo banco na captação de recursos no mercado, aproximando-as dos juros cobrados no crédito rural. Com isso, a instituição quase não recorreu ao governo para subsidiar os juros do financiamento agrícola e ficou livre para oferecer o que tinha disponível para o setor.



DANIEL TEIXEIRA/ESTADÃO

Soja. Produtor da oleaginosa é um dos perfis atendidos pela instituição

» **Otimismo.** Será “fantástico” se o cenário de 2017 se repetir este ano, diz Almada. O Bancoob tem 40% de sua carteira ligada ao agronegócio, com forte presença em Minas Gerais, São Paulo e Paraná, onde a maioria dos produtores é de médio porte.

» **Pibão.** O segmento de carnes comemorou o resultado do PIB da agropecuária anunciado esta semana. “Apesar dos percalços de 2017, o setor ganhou com a alta dos preços externos, expandindo o saldo final cambial tanto para a exportação de carne de frango quanto suína”, diz o presidente executivo da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), Francisco Turra.

● **Superação**
“Mesmo com a Carne Fraca, as exportações cresceram em 2017”
Francisco Turra

PRESIDENTE EXECUTIVO DA ABPA



NACHO DOCE/REUTERS

» **Fiscais.** Falando em carnes, a Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA) vai tentar colocar em votação em caráter de urgência um projeto de lei para aumentar o quadro de fiscais agropecuários nos frigoríficos. O texto está sendo finalizado e deve ser apresentado nas próximas semanas. Segundo a indústria, a quantidade insuficiente de profissionais resulta em morosidade e limita a liberação do produto para exportação.

» **Xará.** A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) está esperançosa com a possível visita da sua “xará” mexicana, o Conselho Nacional Agropecuario (também CNA), no Fórum Econômico Mundial, de 13 a 15 de março, em São Paulo. O interesse é discutir a ampliação do comércio agrícola, em especial as exportações do Brasil, que vêm aumentando, diz a superintendente de Relações Internacionais da CNA daqui, Lígia Dutra. A vinda, porém, ainda não foi confirmada.

» **Digital.** Recente estudo concluído pela consultoria Bain & Company sugere que os governos de países agrícola-

sem usam mais ferramentas digitais para traçar estratégias de forma a atender à demanda global por alimentos. “As novas tecnologias podem trazer um benefício enorme à agricultura”, confirma José de Sá, um dos autores. Ele parte da experiência da consultoria em mais de 20 países, nos quais foram combinados dados sobre a atividade agropecuária, tecnologias e informações de GPS para identificar quais culturas trariam mais retorno.

» **Joio ou trigo?** Sá aponta ainda outra questão: a dificuldade dos produtores rurais para selecionar, dentre a enorme oferta de novas tecnologias de agricultura digital, como drones, aplicativos de gestão da propriedade e de identificação de pragas, dentre tantas outras, as que realmente trarão resultado. “Há um bombardeio de soluções”, diz ele. Associações e cooperativas podem desempenhar papel importante no auxílio aos agricultores.

» **Reforço em SP.** A Cocamar está investindo R\$ 200 milhões e deve aportar mais R\$ 200 milhões nos próximos dois anos para ganhar participação no sul de São Paulo e em Mato Grosso do Sul nas áreas de grãos e insumos. “Investir em São Paulo foi uma demanda do próprio produtor; há espaço para crescer ali, onde há forte adesão à cooperativa”, conta José Cícero Aderaldo, vice-presidente de Negócios.

● **Ao infinito e além**
3,9 bilhões de reais foi o faturamento da Cocamar em 2017. Para 2020 a expectativa é atingir R\$ 6 bilhões

» **Nos planos.** Entre os investimentos da Cocamar, com sede em Maringá (PR), estão quatro silos, para 230 mil toneladas, que devem ficar prontos até junho, e uma fábrica de ração para produzir 100 mil toneladas/ano, prevista para o início de 2019. “Queremos atingir R\$ 6 bilhões de faturamento até 2020.”

» **Maxietanol.** A Biosev iniciou, já na semana passada, um mês antes do período oficial, o processamento de cana da safra 2018/2019 em suas oito usinas do Centro-Sul. Seis unidades estão em São Paulo, duas em Mato Grosso do Sul e uma Minas. As operações começam no modo “maxietanol”, com o destino prioritário da matéria-prima para produzir o combustível, hoje melhor remunerado que o açúcar. A Biosev prevê que essa temporada será a mais alcooleira possível. A Biosev tem duas unidades também no Nordeste.

Opinião

Só que não

● **LUÍS EDUARDO ASSIS**

Os juros caíram – mas não caíram. A taxa Selic despençou de 14,25% em outubro de 2016 para 6,75% agora. Foram 11 cortes consecutivos, no rastro de uma queda surpreendente da inflação. Mas na ponta do tomador as coisas não foram bem assim. A taxa média cobrada no cheque especial passou neste período de 328% para 325%, queda imperceptível. O caso do cartão de crédito parcelado foi pior. Enquanto a Selic derreteria, os juros nessa modalidade subiram de 156% para 171%. Os bancos não angariaram muita simpatia com esta estratégia, mas seus lucros polpudos demonstram que nem tudo é simpatia nesta vida.

Até as galinhas sabem que os juros são tradicionalmente muito altos no Brasil. A Federação Brasileira de Bancos (Febraban) se defende apontando o custo dos depósitos compulsórios, a baixa qualidade do Cadastro Positivo, a dificuldade de retomada dos bens financiados em caso de calote e a alta carga tributária. É tudo verdade, ou boa parte dela. Faltou dizer que o padrão de concorrência bancária no Brasil e as próprias características do crédito como produto facilitam enormemente a fixação de um *spread* confortável. É por esta razão que os juros em algumas modalidades podem aumentar mesmo quando as taxas básicas caem, até porque os fatores que explicam os juros altos na visão da Febraban não foram agravados recentemente.

O processo de formação do preço do dinheiro não difere muito do que acontece em outros mercados. Depende da conjugação entre a estrutura de mercado e a elasticidade de preço da demanda, ou, dito de outra forma, de que forma a demanda pelo produto reage às oscilações dos preços. Esta elasticidade, por sua vez, é função do grau de “essencialidade” do produto e da existência de produtos substitutos. Ser monopolista de chantilly em spray, por exemplo, garante pouco poder de mercado, já que, imagina-se, as pessoas possam viver muito bem sem este mimo. Já um oligopólio que controla a produção mundial de petróleo, na outra ponta, tem

mais condições de impor seus caprichos.

No caso do mercado bancário brasileiro, estamos diante de um oligopólio que oferece um produto de difícil substituição. Há ainda a agravante da informação assimétrica. Enquanto os bancos medem minuciosamente a receita de cada cliente, nós não somos informados a respeito de quanto, em valores monetários, pagamos de juros e tarifas. A conta não é simples e a ignorância é uma bênção – para os bancos. Outra complicação é a dificuldade em buscar cotações no mercado, o que torna as informações ainda mais opacas. Cotar um empréstimo não é como cotar o preço de um carro. Os bancos privilegiam os clientes existentes e não é fácil levar a conta de um banco para outro.

O oligopólio dos bancos poderá ser solapado pelo avanço das novas tecnologias, um processo que já se esboça, em que pese a barreira à entrada representada pelos gigantescos gastos de marketing necessários a inspirar a confiança do depositante. O

Até as galinhas sabem que os juros são tradicionalmente muito altos no Brasil

Banco Central poderia ajudar exigindo informações mais transparentes e facilitando a transferência de contas entre bancos. Também poderia evitar o erro de anuir com a concentração do mercado.

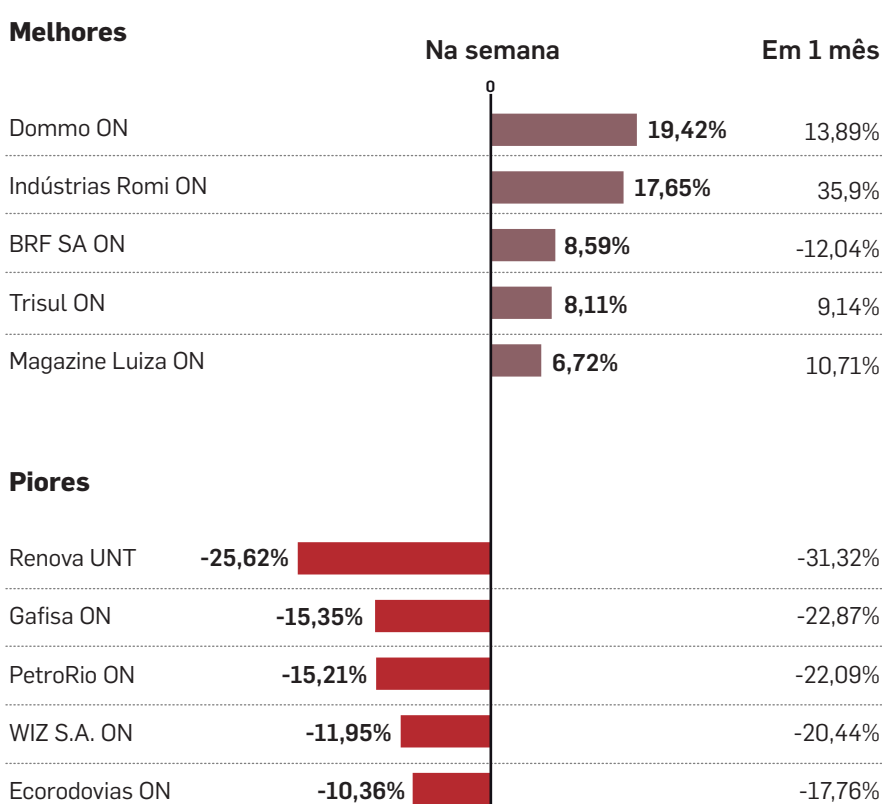
Permitir a venda do HSBC para o Bradesco e a transferência da operação de pessoas físicas do Citibank para o Itaú em nada fomentou a concorrência. Implementar, de fato, um Cadastro Positivo compulsório (com *opt-out*) é imperativo, da mesma forma que rever progressivamente o ônus dos depósitos compulsórios.

Mas tudo isto pressupõe que a autoridade monetária assuma este tema como prioritário. Não há justificativa para tratar com passividade esta aberração.

* ECONOMISTA. FOI DIRETOR DE POLÍTICA MONETÁRIA DO BANCO CENTRAL E PROFESSOR DA PUC-SP E FGV-SP. EMAIL: LUISEDUARDOASSIS@GMAIL.COM

O Mapa da Bolsa

● As ações que mais subiram e as que mais caíram na semana de 23 de fevereiro a 2 de março de 2018



EMPRESAS COM VOLUME DIÁRIO DE NEGOCIAÇÃO SUPERIOR A R\$ 1 MILHÃO NO ÚLTIMO DIA DA SEMANA

FONTE: BROADCAST

INFOGRÁFICO/ESTADÃO

Primeira Pessoa

Tito Amaral de Andrade,
sócio-gestor do Machado Meyer

‘Reestruturações continuam ativas, mas com valores menores’

Responsável pela condução de reestruturações de dívidas de importantes conglomerados, como JBS e Odebrecht, o Machado Meyer Advogados vê um cenário econômico mais positivo, mas não acredita que terá de desmobilizar a equipe multidisciplinar criada em 2013 pelo escritório para comandar as negociações de endividamento de grupo. “Tivemos um passado recente de grandes reestruturações, mas não dá para dizer que esse movimento não deverá continuar”, disse Tito Amaral de Andrade, sócio-gestor da banca. O Machado Meyer, que se define como um escritório completo de negócios, também está conduzindo projetos de tecnologia para seu futuro. Há um projeto interno chamado de “Enge-

nharia Jurídica” discutindo como a inteligência artificial poderá ajudar o escritório a melhorar processos.

● **O pior da crise já passou. Isso significa que o escritório vai deixar de fazer reestruturação de dívida?**

Essa é uma área muito importante aqui do Machado Meyer. Participamos de importantes negociações, de grandes grupos, com o JBS, Odebrecht e Unigel. As reestruturações continuam muito ativas, mas com valores envolvidos um pouco menores.

● **O escritório é muito atuante em fusões e aquisições. Os investidores americanos e europeus voltaram a olhar Brasil?**

Sim. Os asiáticos continuam firmes, mas os americanos e europeus voltaram a olhar o Brasil. Participamos de importantes operações, como da chinesa State Power Investment Corporation (Spic) nos leilões de energia no Brasil, e da venda da área de refino da Petrobrás para a norueguesa Statoil. Outros movimentos de consolidação estão para ocorrer e o Brasil voltou a atrair investidores. Vejo

oportunidades em M&A, infraestrutura e contencioso.

● **Nem o cenário de incerteza política assusta?**

O cenário político e econômico está mais otimista. Não vejo candidaturas viáveis que não tenham agendas positivas. Há grandes desafios pela frente e que devem estar nas prioridades do novo governo, como as reformas da Previdência e tributária, por exemplo. Mas já tivemos avanços importantes.

● **Quais são os planos do Machado Meyer para o futuro?**

Temos projetos interessantes em curso. Criamos o “Engenharia Jurídica” que está investindo e analisando soluções tecnológicas avançadas com base em inteligência artificial que tenham aplicação quase imediata em trabalhos de pesquisa, organização e indexação de documentos e até na elaboração de documentos.

Mas ainda é um projeto que está no início, mas que trará importantes ganhos para nós. / MÔNICA SCARAMUZZO



Clube
paladar

Receber os melhores
vinhos todo mês na sua
casa, escolhidos por
grandes especialistas,
nunca foi tão fácil

Acesse
clubepaladar.com.br
e saiba mais.

A partir de
R\$ **99,00***



*cancela quando quiser.